

OBJETOS

Roteiro de Germano de Oliveira e André Araujo
Livrentemente inspirado no conto homônimo
de Lygia Fagundes Telles.
01/05/2012

Obs: O rosto de Miguel nunca aparece completamente, apenas fragmentos dele.

(pt.1)

1. INT. SALA - ENTARDECER

O olhar de MIGUEL (barba por fazer, alto, 40 anos) percorre a sala: relógios antigos, xícaras, pequenas estatuetas, quadros, objetos de diferentes países.

Não escuta-se o som da rua, apenas os pequenos ruídos provenientes do local.

O olhar de Miguel fixa-se em uma bola de vidro, do tamanho de uma bola de tênis. Ele estica a mão até pegá-la.

MIGUEL

Ah, mas olha só que transparente... Parece até uma bolha de sabão! Mas não tem aquele colorido da bolha, refletindo as janelas, sabe?

As mãos de LORENA (bem vestida, bonita, 45 anos) colocam contas em uma linha, fazendo um colar. Miguel olha para Lorena, que não responde e volta seu olhar para a bola de vidro.

MIGUEL

Sempre tinha uma janela refletida nas bolhas que eu assoprava... Tu não brincava de bolha, Lorena?

LORENA

(distraída) Que foi?

Lorena coloca o colar sobre o colo, para de inserir as contas e olha para Miguel. Miguel passa os dentes na bola de vidro, produzindo um som agudo.

LORENA

Cuidado querido, vai quebrar os dentes.

Miguel sorri, rolando a bola de vidro pelo rosto.

MIGUEL

Ai eu ia comprar uma dentadura só de dentes verdes.

Lorena fica confusa.

MIGUEL

Verdes como o mar com seus peixinhos. Ou azul como o céu com suas estrelas. Não tinha uma história assim Lorena? Verde como o mar com os peixinhos...?

Lorena abre mais os olhos, fazendo um sinal de positivo com a cabeça.

LORENA

A da princesa? Sim, o vestido que a princesa mandou fazer para a festa...

Miguel gira o globo pelos dedos e observa. Olha para Lorena e se volta para o globo, levantando-o.

(pt.2)

MIGUEL

Para que serve isso, Lorena?

LORENA

É um peso de papel, amor.

MIGUEL

Tá, mas se não está pesando nenhum papel...

Miguel vê um pequeno anjo dourado de porcelana, deitado de costas em cima da mesa. Deixa o globo na mesa e estica o braço até pegar o anjinho.

MIGUEL

E esse anjo, hein? Serve pra que esse anjinho?

Lorena tenta passar a agulha em uma conta. Ela franze as sobrancelhas devagar.

LORENA

É um anjo, ora.

MIGUEL

Sim, mas serve pra que?

Miguel levanta, deixa o anjo na mesa, pega o cinzeiro e a carteira de cigarros em cima de um balcão alto.

MIGUEL

Esse anjinho deitado na mesa vale tanto quando o peso de papel sem papel, ou esse cinzeiro aqui sem cinza. As coisas vivem quando a gente toca nelas, Lorena!

Lorena para de colocar as contas na linha por um instante. Depois de Miguel terminar de falar, volta a sua atividade.

MIGUEL

O cinzeiro recebe cinza e fica cinzeiro. O vidro pisa o papel e vira peso. E esse colar aí que tu tá fazendo... É um colar ou um terço?

LORENA

Um colar.

MIGUEL

Podia ser um terço?

LORENA

Podia.

MIGUEL

É só chamar de terço que ele vira terço?

LORENA

Não, ele ia ter que servir pra rezar. Não é pra isso que serve um terço?

MIGUEL

(pegando o anjo) Olha aí... Esse anjo não é nada, mas vira um anjo quando eu toco nele. Pra que serve um anjo, Lorena?

Lorena larga a conta na caixa e pega outra. Tenta passar a ponta da agulha pelo buraco da conta.

LORENA

Eu sempre ouvi dizer que o anjo é um mensageiro de Deus.

MIGUEL

Tenho uma mensagem para Deus, então.

Miguel larga o cinzeiro na mesa, encosta os lábios na face do anjo, e murmura algumas palavras, segurando-o firmemente junto ao cigarro apagado.

MIGUEL

Pronto, agora é um anjo vivo.

LORENA

E o que foi que tu disse pra ele?

MIGUEL

Eu contei que tu não me ama mais.

Lorena olha para Miguel, imóvel. Miguel está do outro lado da sala. Ele larga o anjo na mesa, acende o cigarro e pega o cinzeiro. Lorena inclina-se novamente para a caixinha de contas.

LORENA
Adianta dizer que não é verdade?

Miguel recoloca o anjo na mesa e anda pela sala.

MIGUEL
Não, não adianta... Lorena, os objetos precisam ser tocados pra ter sentido. Que nem nós...

Lorena permanece de olhar baixo, mexendo na caixinha de contas.

MIGUEL
Se ninguém me ama, eu fico que nem aquele peso de papel sem papel. Esse cinzeiro aqui sem cinza. O anjo sem anjo... Aquela adaga ali fora do peito.

Lorena levanta os olhos e balança a cabeça negativamente, continuando a colocar as contas no colar. Miguel vai até um suporte, coloca ali o cinzeiro e pega a adaga.

MIGUEL
É árabe, hein, Lorena? Fui eu que descobri ela, se lembra? Tava na vitrine daquele antiquário que tu me levou lá em Marrocos.

LORENA
Embaixo daquela bandeja colorida? Aquela com umas pedras...

MIGUEL
Que bandeja Lorena? Não to lembrado.

LORENA
Ah, acho que eu vi da outra vez que fui lá. Se tu soubesse como eu gostei daquela bandeja... acho que nunca vou gostar tanto de alguma coisa assim.

Miguel baixa o olhar, largando a adaga no suporte e pegando o cinzeiro.

LORENA
Se eu pudesse, eu voltava no antiquário daquele marroquino e comprava ela.

(pt.4)

Miguel olha para Lorena e senta-se. Olha para baixo desiludido, e, após um tempo, volta a olhar para Lorena.

MIGUEL

Mas porque tu não comprou Lorena?

LORENA

Acho que meus dólares tavam acabando. Sempre se gasta um monte com essas bugigangas.

MIGUEL

Fala baixo, Lorena, fala baixo!

Lorena olha para Miguel, de sobressalto.

MIGUEL

Chamar a adaga e o anjo de bugigangas, que é isso! O anjo vai correndo contar pra Deus.

(pt.5)

LORENA

Não é um anjo fofoqueiro. E antes que eu esqueça, tu diz que se ninguém ama a gente, viramos algo fora de uso...

Miguel apaga o cigarro, larga o cinzeiro e pega o globo de vidro. Olha para ele, desviando a atenção superficialmente.

LORENA

Pois fique sabendo que mais importante do que se preocupar com isso, é amar, tá me escutando? É o que nos diferencia desse peso de papel, que tu vai fazer o favor de colocar em cima da mesa antes que quebre, ein?

(pt. 6)

MIGUEL

(colocando o globo perto do ouvido) Quando eu era criança, gostava de comer pasta de dente.

LORENA

Qual marca?

MIGUEL

Qualquer marca. Tinha uma de hortelã, bem ardida. Quando eu comia, chorava de sofrimento, mas era gostosa. Minha irmãzinha quando tinha dois anos, comia terra.

Lorena ri.

LORENA

Que família!

Miguel também ri. Senta-se no chão, diante de Lorena, protegendo o globo com as mãos. Lorena concentra-se para colocar a linha na agulha.

MIGUEL

Lorena, Lorena, e é uma bola mágica, ein!

LORENA

Que foi?

(pt.7)

MIGUEL

É uma bola de cristal, Lorena. Eu vejo o futuro... Tu tá em uma sala... Essa sala! Tá conversando com um homem.

LORENA

Que homem?

MIGUEL

Espera, ele ainda tá longe... Agora sim, é o teu pai, ele tá tentando te acalmar.

LORENA

Porque isso?

MIGUEL

Tu tá quase chorando Lorena. Tu diz que eu tô melhor, que eu tô melhor...

LORENA

E dai?

MIGUEL

E dai eu entro plantando bananeira, e tu baixa a cabeça pra não me ver. Tu não acha mais graça, Lorena, antes tu achava.

LORENA

Eu fico com medo que tu desabe e quebre o vaso e os copos, querido. E que caiam as coisas do teu bolso, uma bagunça.

Miguel recoloca o peso na mesa e pega o cinzeiro. Ele encosta a cabeça na poltrona e olha para o teto. Acende outro cigarro.

(pt.8)

MIGUEL

Tinha um lustre na vitrine daquele antiquário, lembra? Cheio de pingentes coloridos, com

cristaizinhos balançando com o vento. Tava do lado da gravura.

LORENA
Qual gravura?

MIGUEL
Aquela, que ficava perto do anão.

Lorena olha para o colar, recém terminado.

LORENA
Anão? Um anão de jardim?

MIGUEL
Não, um anão de verdade! Ele estava morto, usando um smoking, luvas brancas, sapatinhos... Tudo brilhando, novo, só as rosas que estavam velhas. Não deviam ter colocado rosas velhas ali.

LORENA
(fechando a tampa da caixa) Brancas?

MIGUEL
Sim, brancas.

LORENA
As rosas brancas murcham mais depressa. E fazia calor...

(pt.9)

Miguel inclina-se para trás. Ele está com os olhos fechados. O cigarro apaga-se entre seus dedos. Lorena lê um livro.

MIGUEL
Lorena...

LORENA
Hum?

MIGUEL
Vamos tomar um chá. Um chá com biscoitos.

Lorena levanta-se e fecha o livro.

LORENA
Ótimo, vou fazer. Acabaram os biscoitos, mas eu faço umas torradas com bastante manteiga, que tal?

Miguel levanta-se e segura a cabeça de Lorena entre as mãos.

MIGUEL

Eu vou comprar biscoitos. Minha linda Lorena,
biscoitos para a linda Lorena.

Lorena desvencilha-se sutilmente.

LORENA

Vou pôr a água para ferver. Pega o dinheiro, tá ali
na minha bolsa.

MIGUEL

No armário?

LORENA

Não, no quarto. Em cima da cama.

(pt.10)

2. INT. QUARTO - ENTARDECER

Miguel entra no quarto, abre a bolsa. Pega o dinheiro na carteira,
tira um lenço e o cheira profundamente, colocando-o novamente no
lugar com cuidado.

(pt.11)

3. INT. SALA - ENTARDECER

Na sala vazia, o barulho do jorro da torneira. Miguel mexe no
bolso e sai.

(pt.12)

4. INT. ELEVADOR - ENTARDECER

Miguel está de cabeça baixa, dentro de um elevador. Ouve-se o som
da rua. Ele passa os dedos pelos botões, até chegar ao botão com a
letra T. Miguel pressiona o botão e o elevador começa a descer. O
som da rua começa a crescer, ficando cada vez mais evidente.
Miguel continua com o dedo no botão, acariciando-o. Está de cabeça
baixa.

O elevador chega no térreo e Miguel levanta a cabeça. Mexe no
bolso e pega a adaga. A porta abre e uma forte luz da rua entra no
lugar. Miguel sai pela porta.

FIM.

(c) Germano de Oliveira e André Araujo, 2012
Casa de Cinema de Porto Alegre
<https://www.casacinepoa.com.br>